

1

COTIDIANO ESCOLAR, IDENTIDADES E TERRITÓRIO: UMA POSSIBILIDADE DE INVESTIGAÇÃO?

Para apresentar este capítulo, cabe uma breve retrospectiva ao início deste caminho investigativo, visando contribuir para a compreensão do contexto em que tudo começou.

Durante minha trajetória de vida pessoal e profissional sempre me questionei a respeito de nossa diversidade cultural e também de nossa “brasilidade”. Essa celebração da diversidade é válida, mas, muitas vezes, não se sustenta teoricamente de maneira consistente. Neste sentido, celebrar a diversidade brasileira parece não ser o bastante para uma pesquisa que se queira rigorosa. Constatar e apenas condescender à existência do outro, no contexto brasileiro, também pode ser não aceitar as diferenças que nos constituem enquanto humanos. Vários são os casos trágicos de racismo, sexismo, homofobia, intolerância religiosa que cotidianamente nos desafiam (Andrade, 2009).

Como sociedades que supostamente reconhecem sua pluralidade e que aparentemente se mostram positivas com relação a esta diversidade enfrentam o fenômeno do preconceito e da discriminação? Como e por que ainda são mantidos e estimulados valores e atitudes que visam direta ou indiretamente à eliminação da diferença na sociedade brasileira? Formas de desvalorização social são criadas a cada dia toda a vez que se tenta legitimar a desqualificação das diferenças entre pessoas e grupos.

Se a diferença não é efetivamente valorizada, então, haverá um padrão cultural a ser “seguido”? Qual seria? Talvez, a resposta mais óbvia seja o padrão branco, ocidental, heterossexual, cristão, magro e de aparência jovem. Quem não quer ou não pode se encaixar nesta fôrma convive com situações constrangedoras, nas quais a diferença que poderia ser encarada como riqueza os diminui e os estigmatiza.

Mas, para entender esta pesquisa, uma pergunta ainda precisa ser explicitada. Por que identidades e território? Em minha trajetória pessoal e profissional, as questões de identidade e território sempre estiveram presentes, mas, de fato, só consegui “nomeá-las” durante a pós-graduação em educação. Ali, meu olhar sobre o que é cultura e a sua importância foi se modificando, em uma construção cotidiana. Fui revisitando minha identidade de geógrafa e ressignificando minha experiência como estudante brasileira em terras estrangeiras¹.

Através da aproximação teórica com uma abordagem multiculturalista e também com as propostas de uma educação intercultural, percebi que construí uma ponte entre minhas experiências pessoais, minha trajetória acadêmica e profissional e um conceito sempre presente e também polêmico nas ciências humanas: a identidade.

A antropologia a pensa através da cultura, a psicologia pelos comportamentos e afetos, a história e a sociologia pelo contexto, a geografia cultural a vê relacionada a um território específico. Assim, pude – através de um conceito central para as ciências humanas hoje – articular minha trajetória enquanto geógrafa, minhas experiências pessoais enquanto estudante e meus interesses no mestrado em educação.

Por outro lado, a graduação em geografia e o fato de ser uma educadora nessa disciplina, fizeram com que eu trouxesse um forte olhar geográfico para as questões que compreendem a educação intercultural. Assim, ao pensar o território como uma das formas de construção e transformação do espaço geográfico e ao pensar a identidade como produto e produtora deste espaço, o tema da identidade territorial me pareceu a chave de conexão, o encontro, entre a educação, a interculturalidade e a geografia.

¹ Durante a graduação, realizei intercâmbio estudantil na Alemanha.

1.1

Questões iniciais de pesquisa

Esta pesquisa tem como problemática central os processos de construção, reconstrução e desconstrução das identidades territoriais no cotidiano escolar. Tal problemática deve ser abordada sem desconsiderar a desigualdade social, mas pede ir além deste tipo de análise, considerando que a escola – enquanto um território específico – produz identidades também específicas, ponderando sobre as questões de desigualdade, mas se propondo ir além delas. O que quero afirmar é que minha análise não desconsidera as desigualdades sociais na construção das identidades, mas terá como foco as questões culturais. Não há de minha parte, uma postura de oposição entre desigualdade social e diferença cultural. Trata-se apenas uma questão de foco e de recorte.

Assim, cumpre registrar que parto da possibilidade de entender o território e o cotidiano escolar como realidades hibridizadas culturalmente (Canclini, 1997) e também de um movimento de resistência de identidades, tendo o território como um dos referentes. Nesta perspectiva, a possibilidade de um determinismo geográfico e de uma análise simplista cairia por terra. No entanto, será um desafio manter-se longe dessa falácia, sedutora e simplificadora das análises.

A partir dessas considerações iniciais, as seguintes questões foram formuladas a fim de orientar a pesquisa:

- Como pensar as diferentes identidades territoriais no cotidiano escolar?
- A origem geográfica e a identidade territorial orientam visões preconceituosas e estereotipadas no cotidiano escolar? Se sim, como se estabelecem estes fenômenos?
- Seria possível sugerir uma prática pedagógica sensível às temáticas que envolvem as identidades territoriais e os preconceitos referentes à origem geográfica?

Vale a pena registrar que se tratam de questões orientadoras. Elas não tiveram o objetivo de engessar a pesquisa, mas tão somente guiá-las de uma maneira aberta, mas também direcionada.

1.2

Objetivos da pesquisa

O objetivo mais amplo desta pesquisa é procurar entender algumas possíveis relações e interações dialógicas entre o campo da geografia cultural e o campo do ensino-aprendizagem, na perspectiva da educação intercultural.

A pesquisa visa também entender uma possível interação entre a tríade: identidade, território e o cotidiano escolar, que é analisada a partir do contexto social pluralista, bem como dos desafios atuais que a escola enfrenta. Neste sentido, os objetivos propostos são também uma tentativa de compreensão e de contribuição para uma prática pedagógica voltada para a interculturalidade.

Assim, os objetivos específicos da pesquisa foram:

1. Caracterizar as diferentes concepções de identidades na perspectiva dos estudos culturais, especificamente o conceito de identidade territorial, privilegiando a abordagem da geografia cultural.
2. Assinalar algumas das distintas percepções sobre o conceito de território construído pela geografia e por ciências afins.
3. Refletir sobre os fenômenos referentes à temática das identidades territoriais e à origem geográfica, no cotidiano escolar.
4. Compreender o processo de construção de identidades territoriais no cotidiano escolar, a fim de se contribuir com a consolidação de propostas educativas interculturais.

Assim, os objetivos propostos correspondem às questões desta pesquisa específica, mas também apresentam uma nova possibilidade de se entender as pesquisas que se debruçam sobre o cotidiano escolar na perspectiva intercultural.

1.3

Opções teórico-metodológicas

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os conceitos que embasam a pesquisa e que serão os eixos centrais do referencial teórico. Tendo em vista os objetivos propostos para a pesquisa de campo, foi mais apropriada uma abordagem do tipo qualitativa para confrontar e desenvolver a investigação teórica e a constituição das identidades territoriais no cotidiano escolar na perspectiva da educação intercultural.

Com relação às questões levantadas no segundo e terceiro objetivos, apresentados anteriormente, foi fundamental uma abordagem empírica. Por se tratar de conceitos não quantificáveis e que estão inseridos em contextos subjetivos e, muitas vezes, simbólicos, tais como identidade e território, a escolha por esse tipo de metodologia se justifica e se apresentou como a mais apropriada.

Cabe registrar que a pesquisa poderia optar em trabalhar tanto com os professores/as quanto com os jovens estudantes. Optei pelos segundos por considerar que nesta faixa etária os processos de “estabilização” das identidades são menos evidentes. Parto do pressuposto teórico de que as identidades são fluídas e em construção (Hall, 2002; Costa, 2005). No entanto, bem sabemos que os adultos – ainda que não seja uma regra sempre válida – tentem a ser mais resistentes para encarar a identidade como uma “celebração móvel” (Hall, 2002, p. 13). Assim, minha aposta foi realizar a pesquisa junto aos jovens por considerá-los mais abertos e disponíveis em entender e construir suas identidades (Spósito e Carrano, 2003).

Nesta perspectiva, a metodologia foi percebida aqui como um caminho possível para “o fazer” pesquisa, com o rigor e os critérios necessários para que se possa considerá-la científica. Acredito que o “como trabalhar”, a metodologia, surge a partir do problema que se quer trabalhar. Então, por que a abordagem qualitativa? Com Bogdan e Biklen (1994, p. 51) fui construindo minha escolha:

Os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é freqüentemente invisível para o observador exterior.

Com relação ao papel do pesquisador, neste tipo de abordagem, Goldenberg (2007, p. 57) reforça que:

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los.

Clareza, ética e rigor científico são ressaltados por diferentes especialistas em pesquisa educacional. Nesta linha, o cuidado no que diz respeito à aproximação e distanciamento do pesquisador com seu objeto também foi um dos focos de minha análise.

A regra é respeitar princípios éticos e de objetividade na pesquisa, bem como garantir as condições que favoreçam uma melhor aproximação da realidade social estudada, pois sabemos que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões (Zago, 2003, p. 294).

A maturidade de um pesquisador pode, pois ser aquilatada pela capacidade de fazer a melhor opção entre as alternativas postas para a análise de seu objeto, o rigor com que elabora suas referências, o cuidado com que escolhe seus instrumentos de pesquisa e a cautela com que interpreta os resultados do processo de investigação: é a tão afirmada, mas nem sempre praticada, “construção do objeto” (Brandão, 2002, p. 29).

Neste sentido, a construção do meu objeto foi desenvolvida em um colégio público da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, junto a jovens do ensino médio do curso noturno. Este colégio foi escolhido por reunir certas características importantes para a temática escolhida: a capacidade de atração da escola sobre jovens e famílias que supostamente possuem diferentes perfis sócio-econômicos e que buscam qualidade no ensino público, as diferentes origens geográficas dos educandos/as, a identificação afetiva dos estudantes com este colégio, dentre outras características percebidas ao longo do trabalho de campo.

Outro aspecto importante deste tipo de pesquisa é com relação aos instrumentos utilizados. Dentre as diferentes possibilidades, a observação participante foi a primeira delas.

O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa. O material assim recolhido é complementado com outro tipo de dados, como registros escolares, artigos de jornal e fotografias (Bogdan e Biklen, 1994, p. 16).

Inicialmente, entrei em contato com pessoas que, pela posição que ocupam ou pelo conhecimento que possuem do local estudado, puderam me auxiliar no mapeamento do campo e dos principais atores para o estudo. Esses informantes privilegiados intermediaram contatos para facilitar a entrada na instituição, bem como se constituíram como fonte fundamental de informação e de interlocução sobre o campo.

A escolha pela observação do curso noturno foi decidida após ter sido informada que este era o mais diversificado com relação às origens geográficas dos estudantes. Esse fator foi considerado como fundamental para a investigação das identidades territoriais dos jovens pesquisados, interesse direto da pesquisa.

Cabe registrar que a pesquisa não se deteve à observação e nem a teve como seu principal método de coleta de dados. A observação teve, tão somente, um caráter exploratório, a fim de preparar meu contato com os pesquisados, bem como de orientar o meu roteiro-guia de entrevistas coletivas, tal como explicarei adiante.

Outra metodologia possível para se fazer pesquisa qualitativa é a entrevista, individual ou coletiva. A flexibilidade tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado é marcante neste instrumento que, na modalidade coletiva, foi intensamente utilizado nesta pesquisa. Ela facilitou os sujeitos responderem às questões propostas de acordo com a sua perspectiva pessoal e em interação com os demais, em vez de ter de se moldar a questões previamente elaboradas.

Encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão e ter cuidado nas expressões corporais (evitando o máximo possível gestos de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros) são algumas habilidades que só se constroem na reflexão orientada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza (Duarte, 2002, p. 146).

Entrevista é trabalho, salienta Brandão (2000, p. 8), e como tal “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado além, é claro, dos tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham ou mesmo substituem essa fala e isso exige tempo e esforço”.

Sobre a entrevista coletiva como instrumento de coleta de dados na pesquisa, creio que sua principal contribuição foi favorecer também a construção da problemática de estudo durante seu desenvolvimento e nas suas diferentes etapas, privilegiando a interação dos informantes.

Assim, a entrevista coletiva, neste trabalho, foi compreendida como uma variação da metodologia de grupo focal. A formação de grupos focais é definida como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. O grupo focal pode ser caracterizado também como um recurso para melhor compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Gatti, 2005). Devido, principalmente, a esta particularidade foi pensada como uma inspiração metodológica para esta pesquisa.

Uma potencialidade interessante com relação aos grupos focais é uma maior possibilidade de compreensão entre as distâncias ou proximidades daquilo que as pessoas dizem e o que elas de fato fazem durante o processo de interação grupal, que também é específico daquele contexto.

Assim, realizei encontros nos quais a interação coletiva era priorizada e estimulada através das questões formuladas nos roteiros-guia. Através desta opção metodológica, foi notória e fortemente identificada a interação entre os jovens pesquisados e a escola, entendendo-a como um dos territórios que formam e transformam a identidade cultural numa perspectiva territorial. São jovens que, em especial numa fase da vida de descobertas mais intensas, deparam-se com questões de identidade vistas como expressão e resistência, aparecendo mais fortemente marcadas também pela presença do semelhante e do “*outro*”, do “*diferente*”. (Rocha, 1984; Spósito e Carrano, 2003)

Cumpramos registrar que este é um capítulo introdutório e como tal buscou expor os principais caminhos percorridos por esta pesquisa. Os capítulos seguintes trabalham de maneira mais detalhada todas as etapas do processo investigativo. Assim, o próximo capítulo buscou refletir de maneira articulada os conceitos: identidade e território. O terceiro capítulo aborda a noção de identidade territorial e suas possíveis relações com a educação intercultural. O quarto capítulo aborda o trabalho de campo apoiado no cotidiano escolar e as análises dos dados de pesquisa. Por último, as considerações finais têm como objetivo apresentar questões temáticas que possam contribuir para o avanço dos estudos sobre educação intercultural articulada com a perspectiva da geografia cultural.

Ao pensarmos sobre estas e outras questões, percebemos a urgência de cada vez mais a escola e o processo educacional como um todo dialogar com a temática da identidade. Vivemos numa sociedade multicultural na qual a escola, ao se apropriar destas discussões, pode dar uma contribuição para o desenvolvimento da autoestima do estudante e a afirmação de suas múltiplas identidades. Especialmente no caso do Brasil, onde vivemos o mito da democracia racial, da revolução sexual e da tolerância entre os diferentes, mas os efeitos do preconceito e do racismo – muitas vezes sutis e, outras, tão violentos – têm consequências graves na escola, haja vista a grande quantidade de casos nos quais a intolerância (étnica, sexual, de gênero, religiosa, entre outros.) se manifestam de maneira trágica.